

Ministério do Turismo apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina



almanaque



CCBB EDUCATIVO

Movimento
ARMORIAL

A a B b C c D d

E e F f G g H h

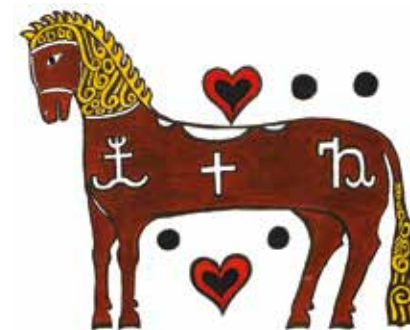
I i J j K k L l

M m N n O o P p

Q q R r S s T t U u

V v X x Y y Z z

Quem vem lá, quem vem lá?
Que cortejo é aquele, sinhô,
Que cortejo vem lá?
Eu aqui vou perguntar
Quem vem lá, quem vem lá?



Se acheque!

Para visitarmos juntos a galeria, preparamos este caderno de viagem, em formato de almanaque. Cadernos de viagem são bons companheiros. É neles que os viajantes guardam as memórias de suas explorações, caminhos percorridos, descobertas e impressões. Neles estão desenhos, textos, fotografias e pequenas lembranças como: flores secas, ingressos, documentos, guardanapos de hotéis e pequenas embalagens. Para alguns artistas, cadernos de viagem são como ateliês de bolso.

A escrita deste almanaque é inspirada no alfabeto sertanejo que o idealizador do **Movimento Armorial**, Ariano Suassuna, concebeu a partir dos desenhos dos ferros de marcar bois. Marcar o gado, como forma de identificar a propriedade de um

animal, é ancestral e remonta aos egípcios. No Brasil, é costume que a marca seja como um símbolo de família e passe de pai para filho, assim como nossas histórias.

Prontos para embarcar? Bússola ou GPS apontado para o Nordeste. Nas próximas páginas, vamos conhecer Ariano Suassuna, a Onça Caetana, J. Borges, Samico, Mestre Dila, Francisco Brennand, o Encourado, João Grilo, a Compadecida, Caboclo de Lança e tantas outras personagens de carne e osso, da religiosidade e da imaginação.

Cada leitor é um viajante. Portanto, este material não está pronto, mas esperando por você. Aproprie-se deste caderno e bom percurso.



UM ESCUDO QUE NOS PROTEGE



Armorial, palavra que provoca estranhamento e chama a atenção, sendo um pouco misteriosa. Ariano Suassuna gostava da sonoridade, pois é muito musical.

Na Língua Portuguesa, armorial é um substantivo e significa "livro de registro de brasões", mas Suassuna começou a empregar o termo como adjetivo. Ele dizia que um poema ou um estandarte de Cavallhada era armorial, porque eram bonitos, brilhavam festivos, metálicos e coloridos como uma bandeira, um brasão ou um toque de clarim medieval.

Depois, Suassuna olhou mais em volta e descobriu que armorial também podia ser uma qualidade da cerâmica do Nordeste. Apurou os ouvidos e entendeu que o termo englobava mais coisa e servia tão bem para qualificar os cantares do romanceiro, os toques de viola e as rabecas com seu toque áspero, antigo e afiado como gumes de faca de ponta.

Assim nasceu um movimento cultural que tinha como proposta produzir uma arte genuinamente brasileira, ligada às raízes de nossa cultura popular, mas que fosse universal e se comunicasse com todas as gentes.

O Movimento Armorial seria como um escudo que nos protege e guarda a nossa essência, para que ela não se perca.

"Não troco o meu 'oxente' pelo 'ok' de ninguém!", dizia Suassuna.

A **cultura de massa** vinha tomando os espaços e era importante preservar nossas formas de contar histórias.

O Movimento Armorial reuniu diversas manifestações artísticas, como a literatura, a dança, a música, o teatro e a pintura. O que todas essas artes tinham em comum era a ligação com o espírito mágico do

Romanceiro Popular do Nordeste: a poesia de tradição oral, as cantorias acompanhadas pela música de viola, rabeca ou pífano, contos e recontos, os espetáculos do Reisado, Maracatu e Cavallhada, a literatura de cordel e a xilogravura que ilustra suas capas.



HERÁLDICA

Desde a Antiguidade, símbolos de poder eram exibidos por famílias reais e aristocráticas, utilizando-se da imagem de animais, plantas e objetos, em diferentes povos e culturas. A partir do século XII, na Europa, essa prática foi sistematizada pela criação dos brasões de armas, que ajudava a identificar os cavaleiros nas guerras e nos torneios, pelos desenhos em escudos, em bandeiras e em estandartes. Esse sistema de símbolos, bem como o estudo dos próprios brasões,

é chamado de heráldica. Ainda na Idade Média, os brasões, com suas cores intensas e seus imponentes animais, muitas vezes fantásticos, como dragões, unicórnios ou águias com duas cabeças, eram organizados nos livros-de-armeiros ou armoriais. A simbologia dos brasões ficou tão famosa na arte e na literatura, que até hoje muitos filmes e *games* criam seus próprios escudos e símbolos heráldicos de identificação e hierarquia entre personagens e suas agremiações.

A cultura de massa, ou pop, é chamada assim porque é produzida para ser consumida por uma grande parte da sociedade. Ela não é criada pela população, mas, sim, por uma "indústria cultural" com valores padronizados e divulgada por veículos de comunicação de massa, como a televisão e, atualmente, a internet. Normalmente, a cultura de massa traz a influência de outras culturas e interesses, como os dos Estados Unidos, sendo que pop, aqui, vem de populace (em inglês, multidão). Suassuna fazia uma oposição entre a cultura popular e a cultura de massa. A cultura popular está enraizada em saberes e fazeres transmitidos por cada geração, respeitando valores locais e regionais. Isso, porém, não quer dizer que a cultura popular fique parada no tempo. Ela é dinâmica e é vista por Suassuna como uma cultura abrangente e profunda.



Na pintura *Homenagem a Pernambuco* (1970), da artista Lourdes Magalhães, a bandeira do estado está posicionada no topo da obra. Criada durante a Revolução Pernambucana de 1817 para ser a nova bandeira brasileira, tem em sua composição a cor azul representando o céu, a branca simbolizando uma nova nação que surgiria com desejo de paz. O arco-íris assinalava o início de um novo tempo de amizade e união. A estrela acima do arco-íris, hoje, representa Pernambuco. A cruz faz referência à denominação do Brasil primordial como Ilha ou Terra de Vera Cruz. O sol ilumina os filhos de Pernambuco e os conduz para o futuro.



A lança com bexigas faz referência ao Brincante Mateus, presente nas festas do Reisado e do Bumba-meu-boi. O personagem é um dos prediletos do público por trazer descontração, humor e distrações espalhafatosas.



Seguindo uma estrela cadente, os reis magos foram guiados até a manjedoura onde estava o menino Jesus recém-nascido. Entrando, ficaram emocionados com a imagem de Maria o segurando. Adoraram Jesus, entregando seus presentes: ouro, incenso e mirra. Inúmeras festas ocorrem pelo mundo em homenagem aos reis magos. Dentre elas, o Reisado, representado pela estrela cadente e a coroa de reis. As homenagens aos reis magos costumam ocorrer entre o dia do nascimento de Jesus - 25 de dezembro - e o Dia de Reis - 6 de janeiro.



Chocinho, zabumba e pandeiro: instrumentos de percussão usados pelos canceioneiros populares.

Ariano Suassuna

nasceu em Nossa Senhora das Neves, hoje denominada João Pessoa, capital da Paraíba, em 1927. João Suassuna, seu pai, era governador do estado, mas a instabilidade política fez com que ele deixasse o cargo e levasse a família para o sertão, na Fazenda Acauhan. Quando Ariano tem apenas três anos, seu pai é assassinado por motivos políticos, e a família se muda para Taperoá, onde o menino assiste, pela primeira vez, a uma peça de mamulengos e a um desafio de viola.

Anos se passam, e todos vão viver no Recife, capital de Pernambuco, onde o jovem Ariano termina os anos escolares e ingressa na Faculdade de Direito. Ariano Suassuna seria advogado, mas dividiria esse ofício com a paixão pelo teatro e a literatura. Com 20 anos, Ariano escreve sua primeira peça "Uma mulher vestida de Sol", seguida de muitas outras obras. Aos 28 anos, escreve "Auto da Compadecida" considerado pelo crítico de teatro Sábato Magaldi "o texto mais popular do moderno teatro brasileiro".



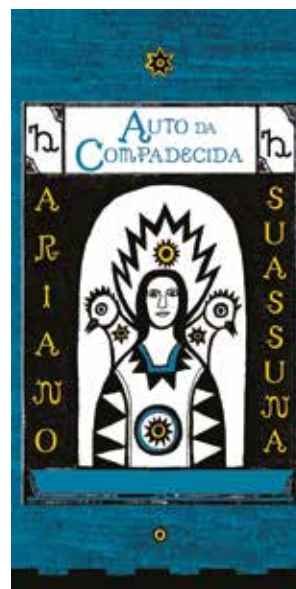
Em 1970, Suassuna inaugura o Movimento Armorial, do qual participam grandes nomes das artes brasileiras, como Francisco Brennand e Gilvan Samico. Em 1971, publica o romance armorial-popular brasileiro "Romance d'A Pedra do Reino", história de ficção que tem como pano de fundo referências à política nacional. O grande Machado de Assis criticava atos do nosso "mau Governo" e coisas da nossa "má Política", dizendo: "Não é desprezo pelo que é nosso, não é desdém pelo País". Tanto Machado quanto Suassuna sabiam que o "país real", era bom, mas "o país oficial" era "caricato e burlesco".

Em 1989, ao ser eleito membro da Academia Brasileira de Letras, disse, em seu discurso de posse: "Quando eu quis que o uniforme que uso agora fosse feito por uma costureira e uma bordadeira do Recife, Edite Minervina e Cicy Ferreira, estava levando em conta a distinção estabelecida por Machado de Assis e uma frase de Gandhi que li aí por 1980, e que me impressionou profundamente. Dizia ele que um indiano verdadeiro e sincero, mas pertencente a uma das duas classes mais poderosas de seu país, não deveria nunca vestir uma roupa feita pelos ingleses. Primeiro, porque estaria se acumpliciando com os invasores. Depois, porque estaria, com isso, tirando das mulheres pobres da Índia um dos poucos mercados de trabalho que ainda lhes restavam. A partir daí, passei a usar somente roupas feitas por uma costureira popular (...)"



Ariano Suassuna recebe, das mãos de Rachel de Queiroz, o collar de acadêmico, durante sua posse na Academia Brasileira de Letras.

Não importa: a roupa e as alpercatas que uso em meu dia a dia são apenas uma indicação do meu desejo de identificar meu trabalho de escritor com aquilo que Machado de Assis chamava o Brasil real e que, para mim, é aquele que habita as favelas urbanas e os arraiais do campo."



AS ILUMINOGRAVURAS

Composição das palavras "iluminuras" - arte de fazer ilustrações coloridas em livros medievais - e "gravuras" - qualquer ilustração impressa.



"João Suassuna foi um grande homem. Não o conheci em pessoa: mas em minha casa ele era muito conhecido e amado através de meu pai, que o admirava profundamente. Ele nos falava de um Suassuna que representava a seus olhos a figura do "cavaleiro sem medo e sem mancha" das tradições sertanejas. Sua bravura, sua fidelidade à palavra dada, o heroísmo da sua vida, a tragédia da sua morte faziam de João Suassuna uma personalidade épica." Palavras de Rachel de Queiroz, lembrando o testemunho de seu pai, que via o pai de Suassuna como um cavaleiro sertanejo.



A composição da iluminogravura está dividida em duas partes com pesos diferentes. Na parte de cima, a cena principal que ilustra o texto e que lembra uma representação de um cavaleiro medieval. Na metade abaixo, estão uma ave, uma cabra e grafismos inspirados na **Pedra do Ingá**, no sítio de arte rupestre das Itacoatiaras, na Paraíba.

A palavra "Itacoatiara" é originária da Língua Tupi-Guarani e significa escrita ou desenho na pedra.

A paleta de cores da iluminogravura é restrita ao preto do nanquim, ao branco do papel, às cores amarronzadas e ocre da secura do sertão e ao vermelho do sangue. O texto conta da morte do pai, que era rei do reino do menino, e uma chuva de gotas vermelhas cai como lágrimas, enquanto este cavaleiro se vai. No cavalo, a marca de ferro que passa de pai para filho. Na bandeira, a malhada da onça.

QUANDO A ONÇA CHEGA

Desde muito cedo, a morte se fez presente na vida do menino Ariano. A morte entranhou no imaginário do artista, e a dor deu vida à **Onça Caetana**. No "Auto da Compadecida", Ariano escreveu: "Cumpru sua sentença. Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre".

"Na minha obra, a Onça Caetana é uma beleza. É o jeito de eu aceitar a morte - se ela vier em forma de mulher".

A morte, no sertão, ganha a forma do animal feroz, a Onça Caetana.

"Na luz do Sol moribundo bateu-se com a Bicha Estranha, e a feiticeira Castanha o encantou, no Profundo! Agora, encantado a fundo, erra entre os pêlos da Sonsa que é Fêmea, que é Parda, é Onça". ("Romance d'A Pedra do Reino", 1971)



A Acauhan - A Malhada da Onça

"Aqui morava um Rei, quando eu era menino: vestia ouro e castanho no gibão. Pedra da sorte sobre o meu Destino pulsava, junto ao meu, seu Coração.

Para mim, seu Cantar era divino quando, ao som da Viola e do bordão, cantava com voz rouca o Desatino, o Sangue, o riso e as mortes do Sertão.

Mas mataram meu Pai. Desde esse dia eu me vi, como um Cego sem meu Guia que se foi para o Sol, transfigurado. (...)"

Acauhan é o nome da fazenda, localizada no município de Aparecida, Sertão da Paraíba, que era de propriedade do pai de Suassuna. Lá o menino Ariano passou sua infância.

CORDEL, UMA BANDEIRA DO MOVIMENTO



A literatura de **cordel** veio para o Brasil com os colonizadores portugueses. Quem começou a tradição foram os trovadores medievais, pessoas que viajavam cantando e contando histórias. Foi na Renascença, quando inventaram a prensa mecânica, que essas histórias começaram a ser passadas para o papel e ganharam as ruas.

A impressão era feita em papel barato. Os pontos de venda eram praças, feiras e mercados.

*"Vou lhe dar alguns exemplos
Da cultura popular
Pra você ficar sabendo
E na cachola guardar
Pra mostrar erudição
E despertar atenção
Se algum dia precisar

Reisado, coco, ciranda,
O maracatu rural,
Mamulengo, pastoril,
Mais o boi de carnaval,
Desses todos me lembrei
E neste cordel listei
Sem muito esforço mental"*

*(Movimento Armorial
40 anos, 2011)*

Quem passasse por ali e visse uma cordinha com vários livretos pendurados, sabia que tinha história. Aliás, é de lá que vem o nome cordel. Como eram expostos pendurados em cordas, os livretos receberam este nome.

Já a literatura daqui é bem diferente da feita pelos lados de lá. O nosso cordel conta histórias da nossa gente, do nosso folclore, tem a nossa identidade. E é tudo feito em versinhos rimados, gostosos de ler e de ouvir.

Gravura
É feita com diferentes técnicas que permitem reproduzir uma imagem muitas vezes sobre um suporte, normalmente o papel. O artista gravador cria essas imagens em uma matriz, que pode ser uma placa de madeira (**xilo**), metal (calco) ou pedra (lito, em grego). Então, ele entinta essa placa (pinta sua superfície com uma tinta especial) e, depois, pressiona um papel contra ela, transferindo as imagens da matriz para o papel.



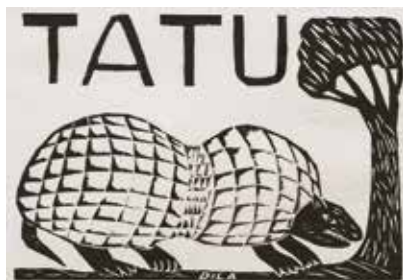
No século XIII, chegava à Europa uma técnica muito antiga, com a qual os chineses imprimiam padrões de tecido a partir de matrizes de madeira. Desse modo, surgiram, no final da Idade Média, as primeiras xilogravuras. Na época do Renascimento (anos 1430), as placas de cobre começam a ser usadas como matrizes. São as calcogravuras, que eram gravadas para realizar muitas cópias de imagens e, normalmente, ilustravam textos ou histórias.



Desde o Renascimento, grandes artistas compreenderam que a gravura era uma arte que poderia ser exibida por si só, não apenas como ilustração de livros, como o alemão **Albrecht Dürer** (1471-1528), o holandês Rembrandt van Rijn (1606-1669) e o espanhol Francisco de Goya (1746-1828). No século XX, importantes artistas criaram gravuras em maiores formatos, como Pablo Picasso (1881-1973) na França, e Oswaldo Goeldi (1895-1961), Lívio Abramo (1903-1992) e Fayga Ostrower (1920-2001), no Brasil.



XILOGRAVURA



Na xilogravura, o artista escava na madeira, com uma faca ou outro objeto cortante, as partes que não receberão a tinta, para deixar na superfície da matriz apenas as imagens que ele deseja imprimir no final do processo. Ou seja, ao contrário do desenho, o que o gravador tem de trabalhar é o que não vai aparecer: é o negativo da imagem, que ficará no fundo branco do papel. Por isso, ele tem que planejar a gravura antes de começar a entalhar. Depois, ele pinta esta tábua com muito cuidado e, delicadamente, pressiona o papel sobre a superfície gravada e entintada para imprimir cada gravura. Finalmente, ele repete o procedimento da impressão até obter certa quantidade de gravuras, a partir de uma mesma matriz, num processo parecido com o de um carimbo.

Nas artes plásticas, cada técnica usa suportes e materiais diferentes. Suportes como papel ou tela, materiais como guache ou argila, resultam em características diferentes nas obras de arte. Em diferentes tradições e estilos de xilogravura, é utilizada uma matriz para cada cor, no caso de gravuras policrômicas (coloridas). Na tradição nordestina, normalmente a matriz é impressa em tinta preta, que contrasta fortemente com o branco do papel.

Gravadores de excelência, como Gilvan Samico (1928-2013), J. Borges (1935) e Mestre Dila (1937-2019) também perceberam que as gravuras eram obras de arte para além dos livros de cordel, e começaram a realizá-las em dimensões maiores.

A matriz funciona como um espelho. Para que a maioria dos animais estejam virados para o lado direito na gravura, a matriz está com os mesmos desenhos talhados para o lado oposto. Acontece o mesmo com o título da obra, com assinatura do artista nas duas versões, na parte de baixo.



Os gravadores criam padrões gráficos com linhas finas: o talho, nas plantas, tem espaços mais amplos, enquanto os pelos, penas e escamas dos animais são representados por talhos menores. Diferentemente dos demais animais da cena, os macacos têm uma postura humanizada.

Os animais esboçam sorrisos, as folhas estão erguidas, os pássaros olham para o céu, e até a cobra não está se rastejando pelo chão. As flores envolvem o cenário em direção ao céu, a vaca está gorda, e o macaco sentado sobre ela equilibra dois pássaros sobre as mãos. É uma cena oposta aos longos períodos de seca no Nordeste.

MESTRE DILA

"Mestre é Deus. Eu sou amigo."



Repare nas curvas, no movimento. A cobra parece estar tranquila, ou pronta para o ataque? Observe como Mestre Dila trabalha os desenhos do couro do animal. Veja que, na ponta do rabo, há uma sequência de detalhes em branco, que dá forma ao chocalho característico da cascavel.

Mestre Dila era artista. Escreveu cordel, poesia, romance e fez xilogravura. Seu nome de batismo era José Soares da Silva, mas assinava as obras com o apelido: Dila.

Dila começou produzindo cordel. A inspiração vinha à noite, e ele varava a madrugada escrevendo. Foram mais de mil histórias ao longo da vida. Contou lendas, mitos e as aventuras de personalidades nordestinas, como Padre Cícero.

Quando ia vender os cordéis nas feiras de Pernambuco, Dila ia cantarolando para atrair o povo, deixando os ouvintes curiosos, e, quando todo mundo estava embalado, ele interrompia a leitura, deixando todos com "gosto de quero mais". Mestre Dila vendia mais de 200 cordéis por dia e ainda

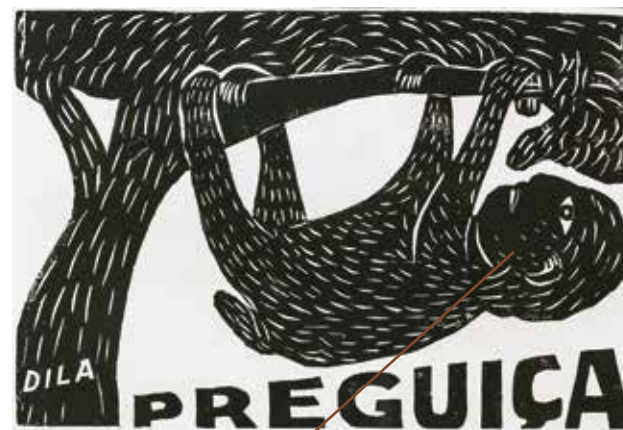
ficava devendo história para o público sedento.

Para ilustrar suas capas, começou a fazer xilogravuras. Entalhava a madeira incansavelmente. Tinha dias que fazia cinco ou seis matrizes. Dila teve oito filhos e criou todos eles dentro do ateliê. Com simplicidade, deixou seu legado a eles, dizendo: "Eu gosto de xilo e de cordel, mas isso é uma arte, não é um ganho de vida".

Ele dizia que havia enfrentado um grupo de cangaceiros, que era governador da Itália e parente de Mussolini. Mentiroso ou brincalhão? Com cara séria, afirmava que era dono de uma fábrica de aviões a jato. Na verdade, sua capacidade criativa voava alto, por isso tornou-se um grande xilogravador, deixando como herança essa linda bicharada.



Assim como ocorreu com o mestre Dila, hoje J. Borges é considerado Patrimônio Cultural de Pernambuco - reconhecimento dado pelo Estado aos mestres da cultura popular pernambucana.



Repare em como o Mestre Dila humanizou estes animais.



Observe a linha branca em forma de V no corpo do bicho. Essa é uma característica típica da pelagem dos tamanduás.

J. BORGES



Nascido em Bezerros - PE, onde reside até hoje, ainda cedo, o menino José Francisco Borges foi encantado pela magia do cordel. Seu pai contava histórias para ele e seus irmãos, que ouviam atentos e cheios de curiosidade. Aos 12 anos, José foi para a escola levando um caderno, um lápis, uma borracha e um folheto de cordel. Queria aprender a ler sozinho aquelas rimas.

Depois de grande, José fez do cordel sua profissão. Passou a assinar como J. Borges, nome que ficou famoso. Começou a produzir

suas xilogravuras porque não tinha dinheiro para bancar as capas de seus cordéis, e acabou se tornando um dos xilogradores mais famosos de Pernambuco.

J. Borges não se preocupava com a perfeição. Ele costuma lembrar de uma xilogravura que fez de um boi. O desenho começava pela parte mais fácil: o corpo do boi. Como não sobrou muito espaço, a cabeça ficou pequena, desproporcional. Mas foi assim que ele entregou o trabalho, e todo mundo adorou o boi de cabeça pequena.

Foram muitos cordéis escritos. Só de "O Encontro de Dois Vaqueiros no Sertão de Petrolina", ele vendeu mais de 5 mil exemplares em dois meses. Outros cordéis que ganharam o coração do povo foram os escritos para as crianças, como: "A cachorro Matraca e o galo de Honório", "O caçador e a missa", "Mané Neco" e "A noiva que engasgou-se com a moeda".

As **cirandas** são típicas das regiões de Pernambuco e da Paraíba. Junto com o ritmo da música, os cirandeiros pisam forte com o pé esquerdo à frente. Na sequência, dão um passo para a direita, fazendo a roda girar. A sequência se repete, sempre marcando-se o compasso com o pé esquerdo à frente.

Uma receita de xilogravura

Para quem quiser fazer uma xilogravura, o artista J. Borges ensina a receita: pegar um pedaço de madeira mole, passar a lixa até ficar bem lisinha. Fazer o desenho a lápis e, com uma faquinha, recortar o desenho com muito cuidado para não se machucar. Aí vem o mais difícil e perigoso: "abaixar o relevo"; fazer os detalhes das roupas com bolinhas, flores ou triângulos. Fazer o rosto, começando por duas bolinhas que são os olhos; um triângulo, que é o nariz e, finalmente, a boca, que é como um coração.



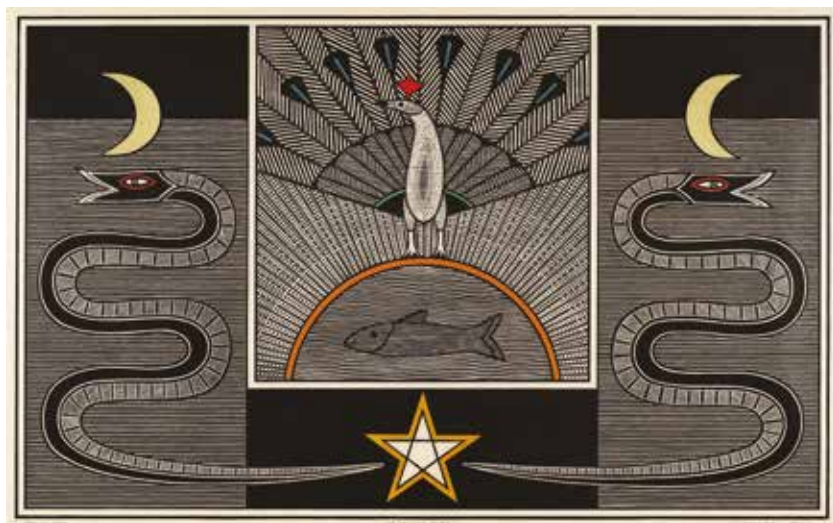
GILVAN SAMICO

MESTRE DE SI MESMO

Gilvan José Meira Lins Samico (1928–2013), ou simplesmente Samico, aprendeu a desenhar e pintar sozinho, ainda muito jovem, a partir de gravuras de Oswaldo Goeldi e de Lívio Abramo, além dos cordéis que conhecia desde criança. Depois da formação autodidata, diferenciou-se de artistas da tradição popular do Nordeste, tendo um ensino formal.

Participou da Sociedade de Arte Moderna em Recife e estudou em São Paulo e no Rio de Janeiro, até receber um prêmio que o levou para pesquisar na Europa.

A inspiração para sua arte vinha de muitos lugares, mas a literatura de cordel sempre teve um papel especial em sua obra. Quando produzia xilogravura,



Samico aqui parece criar um “quadro” dentro de outro, reverenciando o Sol com o pavão, mas sem esquecer a noite, citando a Lua em uma composição simétrica. Assim, ele cria um espaço fora do tempo do dia a dia. O artista cria um ritmo com a tensão delicada entre as finas linhas que ora são horizontais, junto às serpentes, ora ondulam, junto ao peixe, ora são diagonais, ao centro.

Samico investigava a madeira como um detetive, buscando a melhor forma de entalhar com uma pequena goiva, para encontrar a textura ideal, pois a madeira tem seus veios e seus mistérios. Os personagens eram animais, figuras bíblicas e seres fantásticos.

Hoje, a obra de Samico é exibida em museus brasileiros e estrangeiros, como o Museu de Arte Moderna de Nova York. Seu trabalho também esteve presente nas Bienais internacionais de Veneza, de São Paulo e do Mercosul, entre outras importantes mostras.



Nestes dois quadros, chamados “As estrelas”, vemos a mesma ideia sendo representada em duas técnicas: a primeira, como pintura a óleo; e a segunda, como xilogravura. Samico se inspirou em um conto indígena, também chamado “As estrelas”, adaptado pelo escritor Eduardo Galeano.

A história começa com o Sol descendo para a Terra e engravidando uma virgem. Assim, nasceu o menino Jurupari. Ele chegou ao mundo, roubou as flautas sagradas das mulheres e as entregou aos homens. Ensinou a eles como esconder e defender os instrumentos sagrados, além de estimular festas e rituais sem a presença das mulheres. Quando sua mãe descobriu o esconderijo das flautas, foi condenada à morte e, a partir disso, o corpo dela se transformou nas estrelas do céu.



Francisco Brennand

e Ariano Suassuna foram amigos a vida inteira. Brennand foi um artista plural, realizando desenhos, pinturas, cerâmicas industriais, tapeçarias e suas famosas esculturas em cerâmica, de grandes proporções. Construiu um espaço especial, a Oficina Brennand, no Recife, um lugar mágico e onírico. Em 1969, foi rodado um dos primeiros filmes coloridos no Brasil: "A Compadecida", baseado na peça "Auto da Compadecida", de Suassuna. Os figurinos foram assinados por Francisco Brennand e os cenários, por Lina Bo Bardi, mas a maioria das cenas foram gravadas ao ar livre, em Brejo da Madre de Deus, no interior de Pernambuco.



 Brennand e Ariano Suassuna

Brennand desenhou figurinos com cores vibrantes e elementos brasileiros, **cajus**, mangas e flores tropicais. Eles foram executados por costureiras e bordadeiras da pequena cidade.



A COMPADECIDA O filme

No filme de George Jonas, a **Compadecida** é apresentada como uma figura jovem e suave – a Virgem Maria, que perdoa os pecadores com um doce sorriso. Brennand criou para a santa um figurino composto por três elementos: uma veste amarela, como a de seu filho, Jesus, com detalhes azul-céu; o manto, virginalmente branco, bordado com flores e frutas brasileiras, e forrado em vermelho, a cor do amor. E, finalmente, a mantilha, que cobre a divina cabeça, com um radioso sol bordado sobre azul.

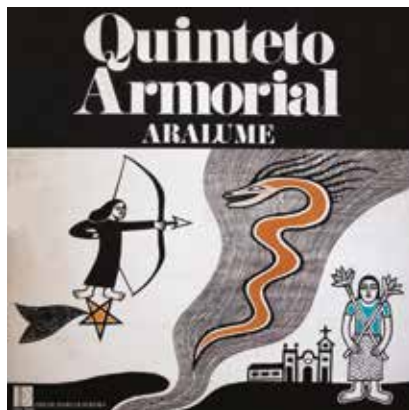


João Grilo tem suas vestes inspiradas no Brincante Mateus, personagem do Reisado e do Bumba-meu-boi. A lança com bexigas também vem da indumentária do brincante Mateus que, na encenação nas praças, a utiliza para brincar com o público e duelar com outros personagens caricatos da encenação.



O Encourado é a encarnação do Diabo. O couro é um material muito utilizado pelos sertanejos para a confecção de suas roupas. Diz uma lenda nordestina que o Diabo sempre aparece vestido de couro, como um boiadeiro.

MÚSICA ARMORIAL



No dia 18 de outubro de 1970, com um concerto da Orquestra Armorial de Câmara, e uma exposição de gravuras, pinturas e esculturas, lançava-se, oficialmente, o Movimento Armorial. O evento aconteceu na igreja barroca de São Pedro dos Clérigos, no bairro de Santo Antônio, no Recife. Na visão de Ariano Suassuna, o estilo armorial na música devia recuperar as melodias barrocas do romanceiro popular, os toques de viola e da rabeca dos cantadores, e os aboios dos vaqueiros. Acompanhada por

Suassuna, a orquestra excursionou para Rio, São Paulo e Porto Alegre, com grande sucesso.

O maestro Cussy de Almeida se dedicou a compor músicas para sua orquestra, que foi batizada de Orquestra Armorial. Ariano Suassuna sentiu falta dos instrumentos tradicionais utilizados pelos músicos sertanejos. Por conta disso, fundou o Quinteto Armorial, que incluía instrumentos populares como a viola caipira, o berimbau, a percussão, rabeca e pífano.



Pífano

Originado na Europa medieval, o pífano se assemelha à flauta transversa, com a diferença de que tem um som mais estridente. Isso acontece porque seu diâmetro é bem menor. Ele pode ser construído com diversos materiais: bambu, osso, caule de mamoneira ou cano de PVC. As bandas ou orquestras de pífanos são características de certas regiões do Nordeste nas quais o pífano contrasta com instrumentos de percussão, como a zabumba, o prato e o triângulo.

Rabeca

Instrumento original da região norte da África, chegou ao Brasil trazido pelos portugueses que a usavam bastante no período medieval. Em terras brasileiras, a rabeca é presente de norte a sul do país, sendo confeccionada por artistas populares, especialmente em comunidades rurais. É produzida de forma semelhante ao violino, mas tem a peculiaridade de emitir

mais de um som ao mesmo tempo. Enquanto uma corda é tocada, existe a sensação de que outra nota ressoa conjuntamente.

Zabumba

“Bate o zabumba
Toque o bombo por favor
Bate com força
Que o noiteiro assim mandou”
(Jackson do Pandeiro “Zabumba”)

Não se tem certeza sobre a origem da zabumba, já que tambores do tipo são usados como instrumentos por vários povos em festas, rituais e até em guerras. Seu casco é feito de madeira com pele de animais ou de plástico. Esse material é tensionado por hastes ou terminais de metal. A zabumba é hoje um dos instrumentos de percussão mais tocados em terras brasileiras. Consagrada no trio de forró (triângulo, sanfona e zabumba) por Luiz Gonzaga, é difícil pensar um xote, um xaxado, um coco ou um baião, sem sua presença.

Até breve!

A diversidade de obras que compõem a exposição mostra como o Movimento Armorial desempenhou um papel importantíssimo na construção da arte brasileira, seja no teatro, na dança, no cinema ou na televisão. Ainda hoje, colhemos os frutos desse movimento por meio do trabalho de autores como João Falcão; de diretores como Guel Arraes e Luiz Fernando Carvalho; e de atores como Antonio Nóbrega (que integrou o Armorial).



A poética Armorial é livre, sem amarras. E isso permite que, ainda hoje, o movimento esteja presente no trabalho desses artistas que levam adiante, para a eternidade, o verdadeiro amor de Suassuna e de todos os armoriais pela cultura e beleza do Nordeste.

Com este almanaque em mãos, viaje por esse universo. Deixe a curiosidade te levar adiante pelas galerias. A gente se encontra em breve, boas descobertas!

Índice de obras

- Capa:** Detalhe da obra de **Ariano Suassuna**, *Dez Sonetos com Mote Alheio*, 1980. Caixa de madeira.
- 2ª capa:** SUASSUNA, Ariano. **Alfabeto Sertanejo**, *Ferros do Cariri: Uma Heráldica Sertaneja*, 1974.
- p.1:** Detalhe da obra de **Ariano Suassuna**, *A Mulher e o Reino*, 1980. Iluminogravura; papel cartão.
- p.2:** **Ariano Suassuna**, *sem título*, sem data. Óleo sobre madeira.
- p.3:** Detalhe da obra de **Ariano Suassuna**, *A Viagem*, 1980. Iluminogravura; papel cartão.
- p.4-5:** **Lourdes Magalhães**, *Homenagem a Pernambuco*, 1970. Óleo sobre tela.
- p.6:** SUASSUNA, Ariano. **Uma mulher vestida de sol**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022. 216 p.
- p.7:** Ariano Suassuna recebe, das mãos de Rachel de Queiroz, o colar de acadêmico, durante sua posse na Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1990.
- p.7:** SUASSUNA, Ariano. **O auto da compadecida**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. 208 p.
- p.8:** **Ariano Suassuna**, *A Acauhan - A Malhada da Onça*, 1982. Iluminogravura; papel cartão.
- p.8:** Casa da Fazenda Acauhan, localizada no Sertão da Paraíba, então propriedade de João Suassuna, onde o menino Ariano passou parte de sua primeira infância. Aparecida, década de 1920.
- p.9:** Detalhe de **Ilumiara Pedra do Ingá**, Ingá/PB. Foto: Cláudio JJ.
- p.9:** Escultura da *Onça Caetana*, 2021.
- p.10:** **Ernando Carvalho**, *Movimento Armorial 40 anos*, 2011. Xilogravura.
- p.11:** Detalhe de aplicação de matriz em madeira de xilogravura de **Pablo Borges**, *sem título*, Cidade do Cordel, 2021.
- p.11:** **Albrecht Dürer**, *As Ofertas do amor*, c. 1495. Gravura.
- p.12:** **Mestre Dila**, *Tatu*, 1974. Xilogravura.
- p.12:** **Mestre Dila**, *Tatu*, 1974. Matriz em madeira.
- p.13:** **J. Borges**, *Macacos na Floresta*, década de 1970. Matriz em madeira.
- p.13:** **J. Borges**, *Macacos na Floresta*, 2017. Xilogravura.
- p.14:** **Mestre Dila**, *Cascavel*, 1974. Xilogravura.
- p.15:** **Mestre Dila**, *Preguiça*, 1974. Xilogravura.
- p.15:** **Mestre Dila**, *Tamanduá*, 1974. Xilogravura.
- p.16:** **J. Borges**, *Ciranda de Animais*, década de 1970. Xilogravura.
- p.17:** Detalhe da obra de **J. Borges**, *Xaxado*, década de 1970. Xilogravura.
- p.18:** **Gilvan Samico**, *O senhor do dia*, 1986. Xilogravura.
- p.19:** **Gilvan Samico**, *Nascimento: As Estrelas*, 2003. Óleo sobre tela.
- p.19:** **Gilvan Samico**, *Criação: As Estrelas*, 2009. Xilogravura.
- p.20:** Ariano Suassuna com Francisco Brennand. Recife, década de 1990.
- p.20:** Figurino da *Compadecida* confeccionado especialmente para a exposição por Flávia Rossette.
- p.21:** Figurino de *João Grilo* confeccionado especialmente para a exposição por Flávia Rossette.
- p.21:** Figurino do *Encourado (Major)* confeccionado especialmente para a exposição por Flávia Rossette.
- p.21:** **Francisco Brennand**, *João Grilo*, 1968. Nanquim e lápis aquarelado sobre papel.
- p.21:** **Francisco Brennand**, *Encourado (Major)*, 1968. Nanquim e lápis aquarelado sobre papel.
- p.22:** **ORQUESTRA ARMORIAL**. Direção: Cussy de Almeida. [S. l.: s. n.], 1975. Disco LP.
- p.22:** **ARALUME**. **Quinteto Armorial**. Gravação de Marcus Pereira. [S. l.: s. n.], 1976. Disco LP.
- p.23:** **J. Borges**, *Dança de Zabumba*, década de 1970. Matriz em madeira.
- p.23:** **J. Borges**, *Dança de Zabumba*, década de 1970. Xilogravura.
- p.24:** Cena do filme *A Compadecida*, de George Jonas, 1969.
- p.24:** Cena do filme *O Auto da Compadecida*, de Guel Arraes, 1999.



CCBB SP

Rua Álvares Penteado, 112
Centro Histórico – São Paulo/SP

Informações

(11) 4297-0600
ccbbsp@bb.com.br

Horário de funcionamento

Aberto todos os dias, das 9h às 20h,
exceto às terças

Agendamento de grupos

(11) 3113-3660
agendamento.sp@programacbbeducativo.com.br

Entrada gratuita

/ccbbsp



@ccbb_sp



@ccbbsp

CCBB DF

Setor de Cubes Esportivos Sul
Trecho 2, Lote 22 – Brasília/DF

Informações

(61) 3108-7600
cbbdf@bb.com.br

Horário de funcionamento

Terça a domingo, das 9h às 21h

Agendamento de grupos

(61) 3222-0341
agendamento.df@programacbbeducativo.com.br

Entrada gratuita

/ccbb.brasilia



@ccbb_df



@ccbbbrasil

Central de Atendimento BB

4004-0001 ou 0800-729-0001

SAC

0800-729-0722

Deficiente Auditivo ou de Fala

0800-729-0088

www.bb.com.br/cultura

**Pesquisa e Redação**

Daniela Chindler
Luiz Silva
Raí Freitas
Vera Pugliese

Colaboração

Martina Rangel

Consultoria em Arte Popular

Galeria Pé de Boi

Edição

Daniela Chindler

Revisão

Sol Mendonça

Produção Editorial

Talitha Dester

Projeto Gráfico

E Thal (Augusto Erthal e Bento Avellar)



Lei de Incentivo à
CULTURA

Educativo

SAPOTI

Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO
TURISMO